

BALADA PARA AS DAMAS DE UM OUTRORA SEM TEMPO

Helena de Buenos Ayres
Ana de Montevideo
Mulheres das ruas
Mulheres de amores
Mulheres que amei.
Do vosso destino
Propriamente não sei
Propriamente jamais saberei.

Jamais: pedra – granito polido
Impenetrável, duríssimo jamais
Onde o destino descansa, repousa
Demora. Tropeça?

Íris tão alva, tão bela de corpo
Cearense do Piauí, siciliana do Recife
Da rua do Sol, da rua das Flores
Da rua das Florentinas.
– Entre muitas, entre várias
Tantas e tantas que lembrá-las
Propriamente era jamais poder
Eram todas de todos
Era a vontade querer!

Jamais: uma pedra.

E Teresa? Com os seus olhos de china
E Maria? Mulata de amores na rua Direita
Mariana: baiana da Rua do Rio.
Mulheres que amei
Mulheres que a amar, amei.
Mulheres das ruas,
Desprezadas, malditas;
Mas, tão puras, tão boas, tão nuas!

Entre as ruas do Ouro e a dos Sapateiros
Miúda uma vez me sorriu;
Entre a praça da Vitória e o Boulevard Sebastopol
Uma que todo como eu era, todo me viu
Cujo nome já não me lembro mais
Cujo nome nem me lembro jamais;
Mulheres de cujos destinos
Propriamente não sei.

Destino! Uma sombra na pedra!
Uma sombra? De quê?
Propriamente não sei/saberei.
– Sombra de um nuncamente
Que na pedra erguerei:

Sombra – escultura de Jamais.

